

Economia como um sistema de crenças

Entendendo os bastidores do debate econômico a partir da obra de
John Kenneth Galbraith

Ana Frazão

Advogada. Professora de Direito Civil e Comercial da UnB. Ex-Conselheira do
CADE.

Considerando que a transição de governo naturalmente atrai o debate sobre as mudanças na política econômica e as controvérsias daí resultantes, é importante entender o contexto das discussões igualmente à luz das advertências que o famoso economista, filósofo e cientista político John Kenneth Galbraith apresentou no seu artigo *Economics as a System of Belief*¹.

No artigo, Galbraith dedica-se a explorar a antiga acusação de que a economia, embora se apresente como ciência, seja muitas vezes empregada mais como uma fé ou religião. Sob tal perspectiva, o papel da economia deixa de ser o entendimento do fenômeno econômico e passa a ser o da exclusão de linhas de pensamento que são hostis ou não ajustáveis aos pressupostos tradicionais da disciplina ou a determinadas e influentes comunidades políticas e econômicas.

Para entender a dimensão do problema, Galbraith explica, em seu artigo, que muitos dos pressupostos da ortodoxia econômica, fortemente influenciada pela economia neoclássica, são descolados da realidade da economia industrial que se estabelece a partir do final do século XIX. Com efeito, é bem mais fácil pensar em mercados estáveis e tendentes ao equilíbrio quando se está diante de uma realidade marcada pela grande pulverização de agentes econômicos e sem espaço considerável para a ação do poder econômico.

¹ The American Economic Review, Vol. 60, No. 2, Papers and Proceedings of the Eighty-second Annual Meeting of the American Economic Association (May, 1970), pp. 469-478 Published by: American Economic Association. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/1815848>

Entretanto, na presença de agentes com grande poder econômico e também político, tais pressupostos podem deixar de fazer sentido.

Ocorre que, ao negar esse poder ou ao não o considerar adequadamente em suas análises, a teoria econômica se furta a analisar a realidade e, longe de manter qualquer neutralidade do ponto de vista político ou social, passa a assumir um papel ativo – e ativamente conservador - no processo político:

“In denying scientific recognition or legitimacy to this trend economic theory was not being politically and socially neutral. It was persuading its communicants to avert their eyes from reality. Except where monopoly or intent to monopolize could be shown, the theory denied the need for any social response to economic power. It was playing an active - an actively conservative - role in the political process.”

É por essa razão que, segundo Galbraith, muitos modelos econômicos são utilizados para desviar a nossa atenção da realidade e de questões de urgência social que, exatamente por isso, exigiriam uma ação política. Daí por que, sob essa perspectiva, a economia não seria uma ciência, mas sim um sistema conservador de crenças que as defende como se ciência fossem:

“The accepted economic models, in the past, have not necessarily been the ones that illuminated reality. They have frequently served to divert attention from questions of great social urgency which, in the established view, had alarming implications for political action. In doing this, economics has served a political function. It has been not a science but a conservatively useful system of belief defending that belief as a science. And knowing, and indeed agreeing, that this has occurred before, our minds must be open (or less incautiously closed) to the possibility that it may happen again.”

Para entender melhor a dimensão da crítica, Galbraith demonstra o quanto a premissa da soberania do consumidor ou do cidadão, apesar de ser

tão utilizada pela economia tradicional, é descolada de uma realidade em que a soberania cada vez mais pertence a grandes empresas. Conseqüentemente, a insistência na soberania do consumidor faz com que a economia deixe de elucidar problemas, tornando-se um meio para suprimir as conclusões que sejam inconvenientes do ponto de vista social:

“The assumption that economics must now abandon, subject to some later definition, is that of consumer sovereignty-and, in light of the role of the modern state in the economy, what might also be called "citizen sovereignty." If this is not done, the discipline will serve, indeed is now serving, not as an elucidation of social phenomena but as a design for suppressing inconvenient social conclusions and action.”

Com efeito, a premissa da soberania do consumidor ou do cidadão obscurece ou mascara uma série de conflitos entre estes e empresas, enquanto o afastamento de tal premissa põe luz sobre as desarmonias do mundo real e a necessidade de resolver tais conflitos:

“When producer sovereignty is assumed, the result is very different. This sovereignty is exercised, we have seen, by large and complex organizations. This exercise of power is to serve their own goals - goals that include the security of the organization and its growth, convenience, prestige, commitment to technological virtuosity as well as its profits. There is every probability that these goals will differ from the aggregate expression of individual goals. Individuals are then accommodated to these goals, not the reverse. This normally will involve persuasion. But it may involve resort to the state or, in the manner of a utility marching its lines across the countryside, to power that is inherent in institutional position.

The consequence of economic development, so viewed, is not of harmony between the individual and economic institutions but of conflict.”

Cinquenta anos depois, a análise de Galbraith sobre a falácia da soberania do consumidor continua cada vez mais pertinente e atual, como já tive oportunidade de abordar em artigos anteriores². Todavia, o seu pensamento é ora lembrado sobretudo por ressaltar o quanto as teorias econômicas podem refletir muito mais crenças do que evidências científicas, assim como o fato de que tais crenças podem ser empregadas para desviar a atenção dos problemas reais, cegando os olhos dos economistas que são responsáveis por políticas econômicas.

Trata-se de postura bastante convergente à da economia das narrativas de Shiller, também abordada em artigos anteriores³, servindo de advertência para todos aqueles que querem se inserir no debate econômico atual sobre vários assuntos importantes, tais como teto de gastos, responsabilidade fiscal, papel do Estado na economia, dentre diversos outros.

Por essa razão, leitor, antes de se posicionar no debate econômico, procure verificar as controvérsias existentes sobre os assuntos e em que medida as diferentes posições estão realmente lastreadas em bons argumentos ou evidências. Também é fundamental contextualizar as opiniões supostamente divergentes diante dos sistemas de crenças e narrativas dos seus defensores e sobretudo dos interesses a que servem.

Conselho final: economia não é ciência exata e, como afirma Galbraith, muito do que nos tentam convencer que é verdade inquestionável, sobretudo quando é mediado pela grande mídia, não passa de um conjunto conservador de crenças, que não necessariamente guardam relações consistentes com as melhores evidências e que ainda podem desviar a nossa atenção do que realmente importa.

² <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/constituicao-empresa-e-mercado/o-mito-da-soberania-do-consumidor-01122021>.

<https://www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/constituicao-empresa-e-mercado/falacia-soberania-do-consumidor-08122021>.

³ <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/constituicao-empresa-e-mercado/por-que-o-mercado-anda-nervoso-com-as-recentes-declaracoes-de-lula-30112022>.

<https://www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/constituicao-empresa-e-mercado/ainda-sobre-a-reacao-do-mercado-as-declaracoes-de-lula-07122022>

Publicado em 14/12/2022

Link: <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/constituicao-empresa-e-mercado/economia-como-um-sistema-de-crencas-14122022>